

Unidade e diversidade em *Latinoamericanos buscando lugar en este siglo* de Néstor García Canclini¹

Rita De Grandis

Pré-história

Em conseqüência, América é o continente do porvir. Em tempos futuros se revelará sua importância histórica, talvez, na luta entre América do Norte e América do Sul...É um país de nostalgia para todos os que estão enfastiados do museu histórico da Velha Europa...O que acontece até agora, aqui, não é mais que o eco do Velho Mundo e o reflexo da vida alheia. Mas, como continente do porvir, América não nos interessa, pois o filósofo não faz profecias.

G. W. F. Hegel

Em 1972, a Unesco publica juntamente com a editora Siglo XXI de América Latina uma obra coletiva de ensaios sobre literatura hispano-americana e línguas da região, que ilustra as tendências críticas e lingüísticas da época, sob o título de *América Latina en su literatura*, coordenada por César Fernández Moreno (1919-1985), Diretor da Unesco para América Latina e o Caribe, entre 1972 e 1978. Entre os críticos mais destacados dos diversos países de América Latina colaboraram: Fernando Alegria, Roberto Fernández Retamar, Adolfo Prieto e Antonio Cándido; entre os escritores: Mario Benedetti, Juan José Saer, José Lezama Lima e Severo Sarduy.

Na introdução, César Fernández Moreno se pergunta: “o que é América Latina?” E retomando a asserção de Hegel sobre a América (citada na epígrafe), isto é, a idéia de América como o continente do futuro em contraposição ao Velho Mundo, e a idéia de uma América dividida pela luta entre Norte e Sul, assevera que, transcorrido um século e meio, o que para Hegel era futuro, é presente; e, o que era Natureza, é História. Segundo Fernández Moreno, a distinção feita por Hegel entre América do Norte e América do Sul ganha uma nova relevância, dado que o Norte se transformou na maior potência mundial, ao passo que o Sul, com um nome novo e diferente (*América Latina*), representa “una de las ideas más dinámicas del mundo del presente,” uma região intelectualmente vital em termos de expressões culturais e artísticas, em idéias políticas e em questionamentos filosóficos (Fernández Moreno 5). O projeto da UNESCO se propõe a dar conta de América Latina, a partir do impacto que suas culturas tem nesse momento na cultura universal, e de sua diversidade cultural e lingüística, dando a conhecer essa cultura ao mundo mas também, e acima de tudo, aos latino-americanos. A agenda intelectual do Projeto foi caracterizada do seguinte modo:

a) Considerar América Latina uma unidade composta pelos atuais Estados-nações, de modo que os colaboradores possam sentir e exprimir sua região enquanto unidade, a fim de propiciar a consciência que o Projeto tenta promover. Somente escritores e críticos latino-americanos foram convidados a participar.

b) Considerar a região na sua feição contemporânea, isto é, somente o presente e, quando necessário, remeter ao passado para melhor entender o presente. Fazendo isso, os participantes tomaram consciência dos conflitos que suas nações viviam e dos conflitos externos que as afetavam.

Os ensaios que compõem *América Latina en su literatura* abordam os temas principais que se debatiam na época e seus enfoques também correspondem aos achados teóricos e disciplinares que acarretaram a visada lingüística na crítica literária, bem como as formulações sócio econômicas da teoria do subdesenvolvimento, na sua particular formulação latino-americana da teoria da dependência. Dentre eles, destaca-se um célebre rebento: “El barroco y neobarroco,” o ensaio sobre a identidade cubana de Severo Sarduy, cuja influência se projetará na posterior reflexão sobre identidade e modernidade na América Latina que realizam, dentre os formuladores mais notáveis, Julio Ramos, Irlemar Chiampi, Mario Santí e Roberto González Echevarría. Também, o renomado ensaio: “Literatura y subdesarrollo” de Antonio Cândido, no qual se explica a partir da noção de “país subdesenvolvido” certos aspectos fundamentais da criação literária em Latino-américa. Cândido explica de que modo a idéia de América vinculada às projeções utópicas da primeira imaginação sobre o Novo Mundo foi herdada pelos intelectuais locais e transformada em instrumento de afirmação nacional e de justificação ideológica. Da mesma forma, em “Temas y problemas” Mario Benedetti reflete sobre as diferenças entre o intelectual latino-americano e o europeu, afirmando que a literatura latino-americana, depois de seus inícios desiguais, está finalmente “num patamar de igualdade” com a européia; ou Adolfo Prieto estuda em “Conflictos y generaciones” os conflitos inter-gerações e a emergência da idéia de compromisso. Por último, e sem pretender esgotar o leque de propostas metodológicas e temas tratados que o volume recolhe em seus vinte e quatro ensaios,² cabe mencionar o decisivo estudo de Juan José Saer “La literatura y los nuevos lenguajes,” sobre o impacto dos *mass-media* e seus múltiplas influências no processo de destruição dos gêneros.

América Latina en su literatura permanece ainda como um dos compêndios mais significativos das conquistas da crítica literária e cultural daquela década; ilustração e “vitrine” não somente da diversidade cultural da América Latina, mas da estatura de seus críticos e escritores, orgulhosos de representar a entidade América Latina, que se concebeu e auto-interpretou como uma entidade que tinha passado da condição de comarca à de cidadã do mundo. Esses intelectuais trabalharam sobre o paradoxo da unidade e a diferença, estimulando uma percepção ao mesmo tempo unitária e múltipla, assinalando suas contradições, ambigüidades, possibilidades e percalços. Em suma, a idéia diretriz não consistia em fazer um estudo das culturas da América Latina, mas em mostrar como América Latina se manifestava “em” e “através” de suas expressões culturais. Os colaboradores trabalharam como verdadeiros “radiologistas” e “psicanalistas”, penetrando nas manifestações mais intensas do “inconsciente latino-americano”, tal como ele se revelava nas expressões artísticas. O projeto ensaístico³ tentou captar com rigor intelectual América Latina em sua contemporaneidade, num momento em que o mundo sofria uma grande transformação tecnológica que era essencial reconhecer. Por último, Fernández Moreno conclui que:

[...] tenemos una clara intuición de esta región que va imponiendo en el mundo sus productos culturales, sus hombres, sus mitos. [...] Esta obra colectiva ayudará a la toma de conciencia de los latinoamericanos sobre la real originalidad y posible unidad de la región que integran... [...] Se trata de una empresa que, como todas las que importan a los hombres, parte de una ignorancia esperanzada y se dirige hacia un conocimiento anhelado. ¿Qué es América Latina? Lo único seguro que de ella sabemos, por ahora, es que es *nuestra*. (18) (itálico nosso)

Com a declaração de intenções de um “nós” coletivo, Fernández Moreno exprime o orgulho por uma cultura que atingiu finalmente maturidade e reconhecimento. A pergunta inicial: que é América Latina? como réplica aos prognósticos de Hegel, seu interlocutor implícito, transforma esse “nós” em um ato de afirmação do continente, e a crítica literária em uma forma privilegiada do ensaio para pensar a problemática cultural do continente.

O novo ensaio latino-americano da unidade e da diversidade

Ora, não por mera coincidência, em 2002, Néstor García Canclini começa *Latinoamericanos buscando lugar en este siglo*⁴ com uma pergunta similar à que Fernández Moreno formulara trinta anos antes. Notoriamente, a pergunta de García Canclini evoca a de Fernández Moreno, a pressupõe e por sua vez a transforma. Se aquela tinha emanado do papel protagônico dos intelectuais e da agenda cultural dos anos sessenta e setenta - inspirada na idéia *bolivariana* da pátria grande, que re-emergia no internacionalismo dos movimentos socialistas da época, motivo pelo qual escritores e críticos se mancomunavam para dar conta da diversidade, mas também da unidade de América Latina-, a de *Latinoamericanos buscando lugar en este siglo* opera um deslocamento: não pergunta “o que é a América Latina?”, mas “onde está América Latina?” E não indaga “que significa ser latino-americano?”, como o desafiante “que é ser cubano?”, enunciado da França por Severo Sarduy (1968), em *De donde son los cantantes*; indaga “quem quer ser latino-americano?” Sobre as implicações desses deslocamentos refletirá o premiado ensaio.

O ensaio enquanto forma crítica por excelência, que une arte e teoria, busca da verdade e persuasão retórica, se caracterizou na América Latina por intervir nas situações de urgência e ameaça que marcaram a história da região, desde o início da modernidade. O ensaísta usufruiu de um estatuto especial na “cidade letrada” ao dispor, conforme o dizer de Sartre, de um olhar próprio, de uma ótica forte ou estrábica, para ver o que outros não viam; olhar que, aliado a um estilo, imprime à matéria e forma do ensaio sua singularidade subjetiva e seu poder de intervenção na *res pública*. Em *Latinoamericanos...*, o poder do ensaio e do ensaísta voltam a manifestar sua potência e a revelar contornos especiais dentro da própria trajetória do ensaísta. Neste caso, Néstor García Canclini se afasta do ensaísmo ‘científico’ per se de seus trabalhos anteriores (embora nunca o fossem de todo), em especial, de *Las culturas populares en el capitalismo* (Premio Casa de las Américas 1981) e *Culturas híbridas* (Premio Iberoamericano Book Award, Latin American Studies Association 1990), aproximando-se do ensaio literário. Poderíamos pensar, inclusive, em um caráter romanesco do ensaio, dado que *Latinoamericanos...*, pode ser lido como uma espécie de romance do ensaio latino-americano da identidade, para o consumo maciço do mercado editorial de finais do século XX e início do XXI.

Vejam, pois, seus ingredientes. Em primeiro lugar, seu caráter autobiográfico. A subjetividade do ensaísta manifesta-se nas referências à experiência de sua geração, a seus gostos literários e artísticos, seu sistema de pensamento, bem como na problemática abordada. As perguntas que ele se faz, estão inconfundivelmente vinculadas ao *cronotopo* do autor, a seu decurso intelectual, inseparável de seu “roteiro” de vida, de seu tempo biográfico que é histórico, identificando-se desse modo com as muitas diásporas que sofreu e continua sofrendo o continente.

O ensaísta expressa com emotividade e a partir da própria experiência as dificuldades de falar a partir de e sobre América Latina como uma totalidade, visto que toda tentativa de comparação não faz outra coisa que enfatizar as diferenças, e explicita que, para alguém como ele, que dividiu sua vida entre Argentina e México, a empresa não é somente uma precisão disciplinar, mas uma corroboração de vida. Adentrar portanto na pergunta pelo latino-americano significa retomar uma busca já assumida por predecessores como Alfonso Reyes (1889-1959) e Arnaldo Orfila (1897-1998), assinalando uma trajetória de ação cultural que deixou marcas profundas na tradição cultural de América Latina: Alfonso Reyes, no campo da literatura e Arnaldo Orfila, no da indústria editorial. (García Canclini *Latinoamericanos* 12).⁵

García Canclini segue a tradição do ensaio como forma crítica por excelência que vincula arte e teoria; assume a versatilidade do gênero e suas múltiplas possibilidades para intervir em assuntos muito próximos de seus compatriotas. No início do novo século, a urgência que impele *Latinoamericanos...*, é a globalização e García Canclini se coloca as seguintes perguntas: “qué significa ser latinoamericano?” (12); “qué quedan de los relatos latinoamericanos?” (23); “cómo ser latinoamericano?, dónde está Latinoamérica o lo latinoamericano?” e “qué se entiende hoy por latinidad?” (68).⁶ Ao formular essas interrogações tenta captar a ambivalência, incertezas e contradições com que se defronta América Latina na etapa do capitalismo global. O autor descreve como opera a região com seus produtos culturais, a imigração maciça das últimas décadas do século e o aumento da dívida externa. Em trabalhos prévios, como *La globalización imaginada* (1999) e “La épica de la globalización y el melodrama de la interculturalidad” (2000), ele analisava o fenômeno da globalização com trabalhos de campo realizados na zona fronteira dos EUA e a fronteira mexicana,⁷ ao passo que em *Latinoamericanos...* sua atenção recai nos possíveis modos de argüir por estratégias e políticas protecionistas dos mercados culturais locais. O autor sugere repensar o papel do Estado, de modo a conceitua-lo como uma entidade de função reguladora, capaz de intervir e prover políticas específicas para as indústrias culturais latino-americanas no mercado global. Ele sustenta que América Latina não poderá vislumbrar um futuro melhor a menos que ocorra uma virada radical na concepção do papel do Estado. Critica as concepções baseadas em um modelo maniqueísta de oposições entre Estado e empresa privada, que certas tradições intelectuais dos anos sessenta e setenta sustentam ainda. Afirma que tais posições não contribuem a dar apoio à produção cultural latino-americana. O novo papel do Estado consiste em ser um ente regulador e articulador entre os governos, as empresas privadas e as iniciativas de outros setores civis da sociedade. Estabelecer políticas culturais e comerciais para os produtos culturais, em meio às formas novas de privatização, exige conceber um novo papel para o Estado, bem como uma redefinição do mercado e de sua relação com a atividade cultural. Embora nas

décadas precedentes muitos intelectuais progressistas opuseram-se à intervenção do Estado no controle da atividade cultural, para García Canclini teria chegado o momento de reavaliar essa posição, já que a indústria cultural (música, vídeos, rádio, e internet) se transformou em um ator social e político crucial (*Latinoamericanos* 67-8).

Refletir sobre a globalização significa levar em conta que as tendências centrífugas exaltam mais a concorrência que a reciprocidade e que as emigrações maciças das últimas décadas do século XX se vivem como desarraigo, mas também como oportunidades de intercâmbios transnacionais. A “globalização” não está vinculada a nenhuma das utopias históricas internacionalistas anteriores, seja a do universalismo religioso, a do cosmopolitismo burguês ou a do internacionalismo socialista ou terceiro mundista. Depois de duas décadas de globalização, América Latina já não celebra as ilusões do início dos oitenta: suas democracias mantiveram-se frágeis ao longo dos anos noventa e da passagem de século, e estão preocupadas pelo Acordo de Livre Comércio das Américas, o ALCA, que os EUA impulsionam para a integração comercial das Américas, a concretizar-se em 2005. No decorrer dos anos oitenta, América Latina tentou globalizar-se e o fez com grandes assimetrias que incrementaram as desigualdades sociais, dando lugar à crise dos modelos políticos nacionais num momento em que os projetos de modernização das décadas precedentes ruíram. Como resultado, emergiram novas alternativas autonomistas, tais como o Movimento dos sem terra no Brasil, dos Zapatistas no México, e as iniciativas regionais indígenas em Chile, Equador e Guatemala. Além disso, surgiram novas propostas legais que favorecem as autonomias indígenas em Brasil (1988), Colômbia (1991) e Equador (1998), patenteando um avanço quanto a políticas de afirmação identitária (García Canclini, *Latinoamericanos* 41). Neste contexto, as forças do capital transnacional, através do novo Acordo de Livre Comércio, constituem uma ameaça maior para o desenvolvimento econômico e social da região. Este Acordo deixará sem efeito os prévios pactos regionais, como o MERCOSUL entre Brasil, Argentina e Uruguai; e decisões que indubitavelmente afetam o continente, serão tomadas, como aliás já são tomadas, fora do mesmo. Um exemplo é a atual intervenção dos EUA no Plano Colômbia, ou no desemprego, nos direitos humanos e na informação (García Canclini 57). García Canclini alerta o leitor a se manter atento diante desta nova “Aliança para o progresso” com o gigante do norte, embora admita o caráter inevitável de tal Acordo. Sugere que ao invés de rejeitar o Acordo é imperativo preparar-se com estudos científicos, para que quando chegue o momento de assiná-lo os latino-americanos se encontrem em melhores condições que as do México em 1994, quando assinou o Acordo do NAFTA. Do mesmo modo, é importante disseminar os resultados destes estudos tão amplamente quanto possível, a fim de gerar mais participação, já que uma interação mais democrática entre o governo e a sociedade civil trará resultados mais produtivos (García Canclini 33).

O autor se pergunta, então: que ocorreu com os relatos do latino-americanismo? Pese aos múltiplos sentidos, os discursos sobre América Latina se organizam fundamentalmente em termos binários de integração e segmentação. O mesmo ocorre com as políticas nacionais e as indústrias culturais que, por um lado, unificam e criam homogeneidade e, por outro, trabalham com diferenças étnicas e nacionais, engendrando novas distinções e ramificações. Assim, “la tensión central” que vive América Latina se

manifesta “entre las promesas del cosmopolitismo global y la pérdida de los proyectos nacionales.” (50)

O ensaísta também retoma a questão tão discutida da identidade e sintetiza certos aspectos de sua peregrinação conceitual. Para caracterizar o presente, lembra que no século XIX a identidade foi predicada em termos ontológicos e políticos, fez parte das agendas ideológicas dos populismos e do nacionalismo visando integrar e resolver diferenças. Mesmo quando antropólogos e intelectuais como Mariátegui e Arguedas advogavam por identidades étnicas e locais, faziam-no em torno a uma cultural nacional.⁸ Na situação presente, a questão da identidade latino-americana é predicada com base nas noções de diversidade e resistência à homogeneização,⁹ é conceituada como um espaço cultural heterogêneo e desterritorializado, isto é, situado além das fronteiras nacionais e das línguas, incluindo os Latinos de EUA, que constituem a segunda maior minoria do país,¹⁰ bem como outras combinações lingüísticas como o *spanglish*. Para o ensaísta, a identidade latino-americana sob a ordem global configura um espaço ou rede de línguas derivadas do Latim, associadas a circuitos acadêmicos e de publicação, gastronomia, turismo e comunicações, que atraem grandes investimentos. “O latino-americano” se modula com ênfases diferentes, segundo as influências de Europa, América ou Ásia, e segundo outras configurações étnicas e políticas.¹¹ García Canclini volta a sua concepção de hibridez como historicamente identificável nos diversos estratos de desenvolvimento cultural, para caracterizar o estágio anglo-americano-latino com sua língua e sua cultura. Para além destas configurações desterritorializadas, lembra que tais mesclas, longe de representar uma celebração da diversidade, encontram-se associadas a profundas desigualdades nas relações de poder. Este espaço heterogêneo e de grandes disparidades e desigualdades sociais e econômicas, requer uma sólida integração econômica e cultural entre os diversos países latino-americanos, a ser sustentada com leis e acordos legais transnacionais que protejam o sentido cultural de sua produção, que continua caracterizando-se por seu forte conteúdo social. No cinema, destaca *La ciénaga* de Lucrecia Martel e *La virgen de los sicarios* de Barbet Schroeder, “cuyos temas diversos apuntan a un asunto compartido: la actual decadencia latinoamericana.” (81) Ambos filmes se organizam como um comentário sobre o atraso do presente. *La virgen de los sicarios* apresenta uma violência sem Estado e a dissolução dos laços sociais abençoados pela religião católica numa linguagem austera, “sin condescender al tarantinismo sanguinolento.” (82) O protagonista regressa a Medellín em busca dos laços comunitários de sua infância, mas encontra uma modernização que não elimina as misérias materiais e simbólicas; uma cidade na qual o narcotráfico é o significante da globalização, que se configura e justifica a partir de traços culturais locais como a religião, os costumes e a linguagem. *La ciénaga* representa um espaço físico e familiar estagnado enquanto alegoria da nação, na qual o relato não avança, mas opera como um movimento regressivo. A centralidade de uma piscina suja há três anos, de duas casas, cujos moradores passam a maior parte do tempo nas camas, é eloqüente retrato da decadência e o desmoronar de uma classe social. Estas duas realizações cinematográficas também operam um deslocamento de centros cosmopolitas (Buenos Aires, Bogotá) a espaços de província:

Ni el tiempo machacado de los asesinatos sicarios, ni el tiempo empantanado de la ciénaga pueden conducir a ninguna parte las tensiones familiares y sexuales, de trabajo y desempleo,

generacionales y étnicas. Sin acusar, diciendo apenas lo indispensable, estas películas vuelven a Medellín y Salta metáforas que condensan bastante más que la extrema descomposición nacional de Colombia y Argentina. (82)

Quanto à literatura, García Canclini comenta que se ensaïam diferentes respostas diante da globalização. *El último tren en Jujuy*, do escritor argentino Héctor Tizón, se refere a essas “tierras de frontera” do norte argentino que limitam com Bolívia. Um narrador autobiográfico “que va para viejo” lembra da época em que “perteneçíamos al Primer Mundo” e um professor em Yala, sua vila natal, os fazia escrever quantos km. de via férrea tinham sido instalados em determinados períodos, como expressão de orgulho nacional que vinculava as diferentes regiões do país. Houve uma época na qual o local e o popular formavam parte de uma vontade nacional; integravam-se regiões através de transportes e comunicações. Ainda os idosos lembram a história desses trens, dos que vinham neles; ainda existe a memória desse tempo:

[...] en Yala – uno de los últimos docentes varones de esta región – repetía y nos hacía copiar en nuestros cuadernos: en 1870, 700 kilómetros; en 1892, 13.000 kilómetros; en 1916, 34.000 kilómetros; en 1946, más de 40.000 kilómetros. Estos datos fueron para nosotros, los niños de estas tierras, como las contundentes estadísticas familiares de las gueras patrias, como las lápidas queridas de los cementerios, como los documentos resquebrajados de los cofres familiares. (citado por García Canclini 87)

O último trem dos anos oitenta do século XX, ao qual o narrador se refere, transporta dezenas de vagões semi iluminados e cheios de indígenas transumantes rumo à fronteira boliviana. O trem se detém em Yala para nada, para nem sequer tomar água. Para Don Hernández, a personagem com a qual dialoga o protagonista: “Dicen que ya no pasará. Por el progreso del Primer mundo. El progreso significa la muerte digo yo?” Y Don Hernández se responde: “No. No significa nada.” (88). Negação irônica sobre o mito da modernização. Para García Canclini, a descrição do local pré-global que a literatura de Tizón oferece, deve ser levada em conta no debate teórico internacional acerca da possível semelhança entre globalização e imperialismo. Interrogações como: que subsiste do local?, que se misturou? e que está em outra parte?, são alguns dos questionamentos que este tipo de literatura suscita e que trazem contribuições ao discurso científico social, ao representar modos de des-nacionalização e des-globalização de povoações esquecidas e fora do tráfico global, que modificaram também o caráter e as agendas dos movimentos críticos. O autor concorda com Arjun Appadurai quanto ao fato de que o local-popular se reproduz em espaços virtuais, pouco vinculados a um determinado território, passaporte, sistema de impostos, processo eleitoral e outras características definidoras do político. Entretanto, embora compartilhe esta idéia sobre a re-alocação globalizada do local-popular, García Canclini assinala que, em América Latina, a emergência de certos movimentos sociais apresentam uma feição contrária, isto é, assinala a importância que continuam a ter as “políticas de lugar” para a continuidade histórica dos povos e nações. O caso do movimento *piquetero* em Argentina, e a distribuição de terras a indígenas e negros em Colombia, o corroboram:

[...] los barrios como sedes aún definibles de la pertenencia y la organización popular, las reivindicaciones territoriales a lo largo del continente, desde los mapuches hasta los zapatistas, de Chile a Chiapas, señalan el significado de los derechos territoriales para su sobrevivencia económico-cultural y para la defensa de la biodiversidad que nos interesa a todos. (91)

Para o ensaísta, não se trata de defender o desenvolvimento elegendo globalizar-se ou defender o local mediante o abandono das redes de globalização que causam sofrimentos a certas regiões. Não se deve conceber uma ou outra opção como antagônicas, mas conceber opções mais democráticas, “equitativamente repartidas, para que todos podamos acceder a lo local y lo global, y combinarlos a nuestro gusto.” (89)

Por último, o ensaísta assinala que o milênio irrompe com a novidade que representam as novas possibilidades de interrogar a viabilidade do capitalismo global. Embora reconheça que não é a melhor época para propor a integração americana, considera que, não obstante, é necessário postulá-la e explorar a potencialidade conjunta das práticas culturais de América Latina, visto que podem ajudar a imaginar outro modo de globalizar-se, isto é, adotando uma perspectiva menos dicotômica, que permita conceber outros modos de entrar no mercado, com mais vantagens econômicas e sociais. (106). Imaginar uma unidade cultural não significa que América Latina possa salvar-se pela cultura, mas que é preciso postular o cultural como horizonte utópico que permita imaginar uma forma de globalização mais equitativa para os latino-americanos:

«...escribir esta palabra» (cultura) del mismo modo que «latinoamericano» para que en el diálogo global lo «latinoamericano» pueda crecer si se nutre de intercambios solidarios y abiertos, renovados y renovables. Hay que buscar otro lugar sabiendo que a veces no es encontrar; otras, es encontrar sólo promesas. Pero en esa búsqueda es posible imaginar la cultura como «ese relato de la inminencia de lo que todavía no ocurrió, del derrumbe que tal vez aún pueda evitarse, [...] Contar la experiencia posible de los otros. Contar con los otros.» (108) .

Com esta convocação solidária a uma “comunidade” transnacional e desterritorializada, o ensaísta exprime uma vontade política esperançada em prol do bem-estar de sua região, tal como nos anos oitenta o fizera o gênero de testemunha para chamar a atenção do mundo sobre as violências do continente (notoriamente, Guatemala, através do testemunho de Rigoberta Menchú, que não por mera coincidência foi membro do júri do prêmio Luis Cardoza y Aragón).¹² Daí que em *Latinoamericanos buscando lugar en este siglo* não se procure rigor analítico, mas comunicação e persuasão, e que seu conteúdo não seja analítico, mas constativo e de divulgação. O texto recolhe amplos consensos e fatos sobre a globalização e América Latina, que são tópicos comuns nas diversas esferas da opinião pública e intelectual. Desse modo, é dada ênfase à promoção da unidade de América Latina em torno a uma agenda que inclua maior orçamento para educação e pesquisa, medidas de proteção para o intercâmbio comercial dos produtos da indústria cultural latino-americana (música, telenovelas, livros), políticas de promoção à produção artística local no âmbito do cinema e da televisão (como é o caso de Ibermedia em Espanha).

O pensamento lábil de Néstor García Canclini, sua plasticidade e mobilidade, sua criatividade no uso da literatura, o cinema e a arte, para dar forma a suas reflexões sociais

e antropológicas, não decorreu da imitação das metodologias e das agendas intelectuais de das universidades dos EUA, como afirmam alguns (Roberto Follari), ou de sua falta de adequação epistemológica. Ele se nutre e dá continuidade a uma tradição latino-americana que produz conhecimento crítico combinando metodologias, correntes críticas e teóricas, ideologias e políticas formuladas em diferentes momentos da ampla trajetória do ensaísmo cultural em e sobre América Latina. Entre seus precursores, destacamos Fernando Ortiz e Angel Rama, cujas formas de conhecimento se articularam para além de uma razão disciplinar estrita, quase que a contrapelo das mesmas, e no marco de campos intelectuais menos pautados por altos níveis de institucionalização e de profissionalização como os desenvolvidos em torno ao latino-americanismo na academia americana, âmbito com o qual o ensaísmo de García Canclini mantém uma interlocução estreita, ao mesmo tempo que tensa e produtiva. (Trigo et al 2003; De Grandis 2003). Nelly Richard opina que estas características devem ser interpretadas como formas diferenciadas da produção do conhecimento latino-americano, cujo pragmatismo é uma marca da resistência à razão sistemática e fortemente instrumental da produção de conhecimento do Norte. (Richard 2003). Trata-se de uma diferença discursiva importante dos estudos culturais do Sul com respeito aos do Norte. Embora a própria Nelly Richard produza um discurso teórico altamente sistematizado, que a homologa a seus discípulos do Norte, ela defende a assystematicidade, leveza e desrespeito diante da razão sistemática, como valor do pensamento crítico latino-americano.

Voltando à eficácia e persuasão de *Latinoamericanos buscando lugar en este siglo*, cabe afirmar que sua singularidade reside no caráter ensaístico, mas também reside aí seu perigo, porque esse traço o aproxima demasiado da dinâmica do mercado e de suas ilusões ideológicas. Parte de sua eficácia decorre da figura do intelectual, cuja função social consiste em falar pelos que não têm voz; em assumir-se como a consciência deles; em intervir em questões centrais da vida sócio-política e cultural de seu tempo e de sua comunidade. Figura do intelectual ideológico e engajado, que nos anos sessenta e setenta teve um papel importante e sob cuja influência se formou García Canclini. Jorge G. Castañeda explica que os intelectuais latino-americanos de esquerda tiveram tradicionalmente muito poder, porque foram escolhidos pelos governos e pelo resto do mundo como interlocutores; contribuíram a conceituar os regimens populistas das décadas de 1930 e 1940 e, embora nunca tinham ditado políticas, exerceram uma grande influência ao preservar suas conquistas na memória das futuras gerações. Quando a Revolução Cubana ficou isolada, os intelectuais substituíram os governos e as embaixadas. Todo intelectual, fosse escritor ou compositor, fazia sua viagem a Havana. Gabriel García Márquez afirmou que a definição do intelectual latino-americano de esquerda se transformou na defesa incondicional de Cuba, e os cubanos, através de seus próprios mecanismos, determinaram quem se ajustava aos parâmetros de solidariedade e quem se afastava dos mesmos. Muitos deles, que não tinham oportunidades em seus países de origem, encontraram na defesa da causa cubana uma forma de poder, e se transformaram em porta-vozes da solidariedade. (Jorge Castañeda 184-185)

O intelectual de fim de século que García Canclini representa nutre-se dessa tradição e aspira a continuar essa tarefa de compromisso com respeito às preocupações e possibilidades de sua região. Mas, adequa-se às necessidades da etapa democrática, assumin-

do-se como mediador responsável entre seu profissionalismo acadêmico e os poderes dos diversos agentes sociais e ideológicos da agenda neoliberal. No contexto de um passado “revolucionário” e um presente “democrático e neoliberal,” *Latinoamericanos buscando lugar en este siglo* incorpora em forma sintética o capital cultural dessa tradição, e afasta-se da mesma ao propor avaliar as duas últimas décadas do século XX, levando em conta os benefícios e as desvantagens da globalização. Este novo intelectual, como aquele das décadas precedentes, mantém uma profunda conexão e compromisso com a história, com as preocupações e o destino dos desfavorecidos da região.

Semelhante modo de argumentar, que apela mais à intervenção pública que à análise desenvolvida entre especialistas, permite ao ensaísta atingir uma audiência mais ampla e colocar assuntos que são cruciais para a difusão da arte latino-americana e de outros produtos culturais. Ao fazer isso, Néstor García Canclini distancia-se do ensaio estritamente científico ou analítico de seus trabalhos prévios, como assinalamos, e volta-se para um estilo mais jornalístico, oferecendo um comentário geral de caráter sócio-cultural sobre os desafios enfrentados pela América Latina diante da globalização. Seu ensaio, uma obra relativamente curta, condensa fatos já conhecidos sobre a globalização, oscila entre o distanciamento e a adesão, e se concentra em assuntos culturais que derivam de suas opiniões gerais sobre a cultura de massas, o consumo e a indústria cultural.¹³

Latinoamericanos..., promove políticas governamentais que protejam as indústrias culturais nacionais, dado que América Latina oferece uma grande riqueza em termos de música, televisão, cinema e literatura. O ensaio insiste em enfatizar as assimetrias no seio da globalização, assimetrias que geraram não somente desigualdade na distribuição de benefícios econômicos, mas aprofundaram as irregularidades históricas nas relações de comunicação e na intervenção pública em níveis nacionais e transnacionais. Embora o fenômeno da imigração maciça das últimas décadas do século XX seja fundamentalmente resultado da falta de emprego, também é consequência da falta de educação e de desenvolvimento cultural. Os governos de América Latina devem proteger e estimular as indústrias culturais locais, como fez Espanha com o cinema, a televisão e a indústria editorial.¹⁴ De fato, os ministérios de cultura devem promover “nosso” capital cultural entre as comunidades hispanas dos Estados Unidos e Europa. Isso não significa que o Estado crie cultura, mas que é indispensável para gerar as políticas que estimulem e regulem a produção cultural e o consumo, bem como para prover fundos e acesso a estas políticas sem discriminação. (71)

Com este chamado à solidariedade e à unidade através da experiência compartilhada e da cultura, o ensaísta retorna ao “nós” afetivo, buscando o compromisso empático com o leitor, como fizera Fernández Moreno ao sustentar: “Lo único seguro que de ella sabemos, por ahora, es que es nuestra”. Este chamado a “nossa” comunidade, que ambos os ensaios propugnam, implica no caso de García Canclini um fugir à esfera do ensaio acadêmico, uma saída da razão estritamente acadêmica para engajar-se numa esfera de opinião mais ampla, e inclusive desenvolver uma batalha de idéias que a natureza instável e polêmica do ensaio permite. Desde esse ponto de vista, talvez *Latinoamericanos...*, deveria ser lido como um ensaio de testemunho sobre os desafios do intelectual latino-americano nessa nova encruzilhada histórica, à qual se responde com subjetividade, e refletindo com criatividade, flexibilidade e fragmentação. Seu chamado à responsabilidade e à memória

histórica que representam as trajetórias intelectuais das décadas precedentes, se apoia no paradigma do intelectual dos anos sessenta e setenta, do qual forma parte, exprimindo seu desejo de representar ainda os interesses de América Latina e de seu povo. *Latinoamericanos...*, pode ser analisado com base em questionamentos epistemológicos e metodológicos, como demonstram os trabalhos de Roberto Follari, mas também pode ser lido como um ensaio que coloca controvérsias, e como testemunho da trajetória de um intelectual que atravessou várias décadas com os correspondentes reajustes e transformações que cada etapa promoveu em seu desenvolvimento analítico e em seus objetos de estudo. Se lermos *Latinoamericanos...* como um ensaio de testemunho são outras as expectativas que suscita. Na longa trajetória de García Canclini, a tentativa de superar a distância entre uma concepção elitista da cultura e uma concepção mais democrática, o levou a adotar uma função do intelectual muito próxima à do conselheiro cultural, fazendo do intelectual acadêmico um funcionário cultural, no marco da nova dinâmica dos bens simbólicos.¹⁵ Dada essa mudança de interesse e de estilo, o ensaio se abre à possibilidade de intervenção ideológica, de sugerir à comunidade de intelectuais progressistas sair da “cidade letrada” para formar redes de solidariedade além de limites políticos, ideológicos e acadêmicos. Interessa, então, que o ensaio circule como um panfleto sobre a promoção de políticas de proteção cultural? Este chamado a unir forças no campo da luta cultural, implica um abandono de rigor científico ou analítico. Nesse sentido, a passagem de uma argumentação formulada a partir considerações epistemológicas cede lugar a outra de natureza social e ética. O ensaio, como artefacto e como gesto simbólico, une-se assim a outras práticas sociais como os encontros anti-globalização, (o de Porto Alegre) e torna-se partícipe dessa “gran conversación que los latinoamericanos estamos teniendo con el mundo.” (García Canclini 107). Nessa convergência América Latina, representa uma área muito carregada de poder simbólico, que evoca figuras como José Martí em *Nuestra América*, ou Pablo Neruda em seu *Canto general*. *Latinoamericanos...*, mobiliza esse capital cultural e essa memória histórica no âmago da crise da “globalização” da virada de século. O autor promove a intervenção social, política e comercial através de uma rede inter-americana de esferas de conhecimento que beneficiem não somente a artistas, consumidores e intelectuais de América Latina, mas também àqueles que residem nos EUA e no Canadá. As possibilidades de incidir politicamente seriam diferentes, segundo ele, se houvesse uma colaboração mais estreita e aumentos substanciais nos investimentos em ciência e tecnologia. Canclini pede solidariedade e um novo compromisso do intelectual com a região; demanda mais orçamento para investigações conjuntas Norte/Sul, com agendas específicas, como a relativa ao significado das compras de bancos “con sus fundaciones culturales y científicas, de televisoras y portales de Internet, de empresas discográficas y editoriales.” (57). Se isso ocorresse, seria possível intervir mais diretamente e positivamente em assuntos que afetarão às próximas gerações de latino-americanos (García Canclini *Latinoamericanos* 57).

Como avaliar esta crítica cultural? Pareceria que o *dictum* de Umberto Eco de apocalípticos ou integrados mergulha o ensaísta numa situação paradoxal.¹⁶ Seus estudos sobre a cultura de massas e o consumo cultural são uma clara indicação de que García Canclini abandonou a distinção moderna entre cultura popular/cultura de massas e cultura letrada. Sua concepção de cultura é concebida como recurso e ganho, compartilhando com George Yúdice a idéia da cultura como “expediente”, não concebendo como contra-

ditórios a idéia de recurso e de ganho. Baseando-se em Pierre Bourdieu, Umberto Eco e Jesús Martín Barbero, sustenta que a criação cultural se articula com a circulação e o consumo. Ao enfatizar o consumo afasta-se da perspectiva da teoria da escola de Frankfurt, sobre a qual se baseara a teoria da dependência, que concebia ao receptor como um consumidor passivo. Agora, ao invés disso, o “receptor” individual é ativo e capaz de estratégias de distanciamento e de crítica, como são a paródia e a ironia. Sua clássica análise sobre os diabos de Ocumicho (*Culturas híbridas*) é uma prova de como é possível levar isso a cabo, no processo de acomodação dos setores rurais artesanais às necessidades do mercado e a resistência a sua assimilação ideológica.¹⁷ Entretanto, o que está em jogo em *Latinoamericanos* não é dar continuidade ou abandonar estas idéias, mas arguir acerca de como fugir à exclusão cultural e social com base na produção e o consumo de bens simbólicos. Por isso, é importante envolver-se com os artistas, intelectuais e agentes institucionais no desenho de políticas culturais de produção, distribuição e consumo. (68)

Nessa conjuntura, na qual a desapareção do subalterno foi anunciada, o subalterno persiste.¹⁸ Em *Latinoamericanos...*, García Canclini, fala dos milhões de latinos sub-empregados na indústria musical de Miami e em outros países de América Latina. Propõe, contudo, abandonar o pensamento sobre o subalterno das culturas populares em termos de afirmação ou resistência, e passar a pensá-lo em termos de negociações nas quais os grupos subordinados disputam significações. Embora a prosperidade ou empobrecimento dos grupos subalternos dependa em parte das tendências que governam a globalização, que por sua vez se baseiam em relações de poder desiguais, o bem-estar desses grupos também depende da criatividade com a qual se confrontam e interagem dentro dos circuitos da indústria cultural, conseguindo exercer certo controle sobre os produtos e suas mensagens. O intelectual radical dos sessenta e setenta se movimenta agora na esfera da negociação cultural; atua como um mediador. A ideologia dominante do neoliberalismo parece ter constrangido o intelectual a promover uma política econômica mais equilibrada e igualitária dentro da indústria cultural. Esta posição estratégica, dotada do poder que concede a autoridade acadêmica, outorga legitimidade ao pedido de medidas protecionistas para a atividade cultural em América Latina ou os produtos latinos no mercado global. Nesse sentido, o ensaio é o gênero mais apto para este tipo de intervenção discursiva e social.

Quais são, portanto, algumas das conseqüências para este intelectual, quando assume o papel de interlocutor intermediador entre o Estado e a indústria cultural? Como mencionamos, estas conseqüências são o resultado do enfoque que García Canclini adota sobre a cultura popular e a cultura de massas. Ele se distanciou dos pressupostos da teoria da dependência¹⁹; a cultura de massas não é mais vista como o ópio da ideologia, mas como um instrumento de democratização que joga por terra, entre outras, a concepção elitista de cultura:

“Libros y discos se venden en supermercados y grandes tiendas, las obras teatrales y la música clásica y popular encuentran espectadores en la televisión. Aunque este pasaje a los espacios y circuitos masivos, asociado a ventas y modas fugaces, provoca sospechas sobre la calidad cultural de la comunicación masiva, más escritores y músicos pueden vivir de su trabajo. Al mismo tiempo, públicos no habituados a los templos estéticos acceden a obras de su país y de muchos otros. La cultura da trabajo es el título de un libro publicado en

Uruguay sobre las funciones económicas de los bienes culturales. (Stolovich y Mourelle, citado por García Canclini 59)

A confiança de García Canclini na indústria cultural parece, no entanto, ter chegado a um ponto no qual interessa somente como objeto de produção e de consumo, ao passo que em 1960 e 1970 suas preocupações eram outras. As culturas latino-americanas significavam experimentação vanguardista e inovação formal, singularidade e diversidade, aspectos que transcendiam a reificação do realismo e dos estereótipos associados a América Latina. Qual é, então, o destino do intelectual que se distancia da concepção adorniana da visão universalizante do intelectual, e dos valores estéticos, éticos e epistemológicos que esse intelectual articula e representa? É possível ainda para ele formular uma perspectiva crítica sobre a lógica do mercado e as ilusões da ideologia dominante? Este dilema persiste.

Em sua longa trajetória intelectual, García Canclini percorreu vários âmbitos conceituais, desde seus primeiros trabalhos sobre a vanguarda nos anos setenta até seus estudos sobre o consumo e a cultura de massas. Seguiu a sugestão de Rama; o intelectual progressista deve ir além da cidade letrada e transcender as distinções feitas pela modernidade entre alta e baixa cultura. Mas, ao fazer isso, deu-se um progressivo abandono da razão teórica em benefício da razão pragmática, gerando um consultor ou conselheiro em assuntos culturais. Essa situação decorre da perda de importância do papel do intelectual no discurso público e da privatização da cultura. Além disso, deriva do movimento intelectual dos estudos culturais latino-americanos, no qual García Canclini participou desde os anos oitenta, movimento qualificado por alguns como “populista” (Beasley-Murray)²⁰ e por outros ironicamente como “demagógico” (John Beverly)²¹, visto que tanto o populismo como a demagogia seriam traços constitutivos desse movimento. Considerando que a posição populista ou demagógica debilita o intelectual na sua capacidade de levar adiante uma crítica radical, a questão de como enunciar uma crítica que não seja articulada somente no âmbito da especulação teórica do universal e do conceitual, ainda constitui um desafio em aberto. Implica, em primeira instância, uma crítica à academia e um abandono da “torre de marfim” do radicalismo da teoria?²² Podem os estudos culturais contribuir a uma crítica radical da globalização e da academia? Pode a teoria contribuir para a transformação social como Marx vislumbrava?

Por último, as transformações intelectuais do percurso de Néstor García Canclini em mais de trinta anos revelam os dilemas do intelectual latino-americano, quando este tenta realizar uma crítica da globalização a partir de uma perspectiva integrada à cultura de massas. Por isso este premiado ensaio, *-Latinoamericanos...-*, é precariamente científico e acadêmico; se enraiza mais na tradição do ensaio de identidade e numa visão empática dos marginalizados e excluídos, do migrante, do artista, do intelectual. Em contraste, os ensaios em *América...*, emanaram de uma clara distinção entre cultura de elite e cultura de massas, e primeiramente analisaram de que modo a literatura desempenhava um papel fundamental na definição de identidades. Os ensaios de *América...*, ilustravam a função de uma *intelligentsia* literária da época, enquanto consciência crítica da sociedade. Se a influência da cultura de massas era reconhecida, como ocorre no ensaio de Juan José Saer, ela era conceituada especificamente em relação à literatura e às técnicas de experimentação, era con-

cebida a partir da condição irredutível dessas duas esferas.²³ Do mesmo modo, *América ...*, almejava um público específico de críticos literários, que privilegiavam a palavra impressa para explorar a identidade e a modernidade, ao passo que *Latinoamericanos...*, inclui outras manifestações como a música, a cultura popular e o cinema, e atinge um público com interesses mais amplos.

Ter começado com *América Latina en su literatura* para assinalar paralelismos e diferenças nos permitiu apreender algumas linhas de continuidade e de ruptura na tradição do ensaio sobre a identidade. O que aproxima ambos os trabalhos é, evidentemente, a vontade de assinalar a unidade, a diversidade e o caráter central da questão identitária, através de suas expressões culturais. Também compartilham o fato de exigir um espaço de importância e dignidade para as expressões culturais latino-americanas e a convicção de que a cultura é a prática mais dinâmica e o capital mais valioso que América Latina oferece ao mundo. Além disso, partilham uma concepção social do saber crítico e artístico voltado para a compreensão de América Latina. Ambos fazem um chamado à comunidade transnacional de escritores, artistas, produtores culturais e intelectuais, e o fazem apesar da dispersão que afetou a região por tantas décadas, primeiro sob a Guerra Fria, e depois com a globalização. Paralelamente, ambos desenham a figura do intelectual público que advoga por uma unidade em torno à entidade precária chamada América Latina que, embora demasiado ampla e pouco rigorosa como categoria de análise, constitui, porém, um marco de referência para entender as histórias e culturas da região. O que diferencia radicalmente ambos os trabalhos é a mudança fundamental na concepção de cultura. A nova concepção, mais heterogênea e pluralista, se insere num âmbito mais antropológico que estético. Mas, a paulatina dissolução e interpenetração de tais distinções atingiu também a concepção antropológica, não mais circunscrita aos ritos, costumes e crenças de uma etnia ou comunidade, ou à oposição entre natureza e cultura. Essa nova concepção se projeta a novos espaços transnacionais e desterritorializados nos quais as identidades coletivas se entrelaçam em novos rituais e redes comunicacionais próprias. A distinção entre cultura de elite e cultura popular que instituíra a modernidade entra em crise, e a concepção pós-moderna tenta transcender tais binarismos, com base na função pluralista e democrática de cultura, e no impacto nivelador que a cultura de massas impõe sobre a cultura de elite. Segundo esta concepção, a televisão, o cinema e outras formas da indústria cultural, junto com as novas tecnologias digitais, democratizam a cultura. Uma das conseqüências disso é que se apagam as distinções entre o “alto” e o “baixo”, favorecendo novas hibridações, que enriquecem uma cultura já muito heterogênea.

Na trajetória culturalista de García Canclini, seu progressivo interesse pelo nexos entre a migração e as formas de reconversão das culturas populares, bem como no impacto identitário do consumo da cultura de massas, dá conta daquilo que existe por fora do prestígio da cultura letrada. Como Rama, García Canclini freqüentemente oferece visões panorâmicas e generalizações de pontos de vista históricos e culturais, a fim de fornecer um amplo marco explicativo a aspectos complexos da experiência coletiva. Esta tradição está profundamente vinculada à relação dialética com o Outro, seja ele nomeado de Império/Colônia, Norte/Sul o Centro/periferia.²⁴

Latinoamericanos buscando lugar en este siglo, como seu título indica, é um título velho para um fenômeno novo, e são perguntas velhas para processos novos. Dessa ensablagem

emana o novo marco epistêmico ao qual o ensaio de Canclini alude, em um estilo jornalístico próprio do ensaio de divulgação, e inscreve o tropo da busca de uma identidade em transformação diante de novas ameaças e desafios. A modernização e a modernidade da globalização misturaram a extrema pobreza com a mudança tecnológica aceleradíssima, da qual é impossível predizer suas conseqüências futuras, visto que não é possível sob as atuais condições gerar um discurso social que incorpore outra vez o intelectual à sociedade. O ensaio de García é uma prática crítica de vocação pública; um escrito em processo que coloca questões e busca soluções. O ensaísta ainda não está pronto ou disposto a abandonar de todo o âmbito conceitual, mas o combina com outros âmbitos em benefício de uma maior divulgação, para fugir do círculo estreito da razão acadêmica, e para fruir do prazer pela escrita. E, principalmente, assume narrar a experiência e os percalços dos setores marginalizados nesta etapa, no seio da modernidade periférica.

Nossa perspectiva de leitura atravessa a de García Canclini em um movimento que tenta situar nossa própria reflexão para além dos binarismos assinalados (cultura de elite/cultura popular, radicalismo da teoria/ideologismo da teoria). Assinalamos o vigor do ensaio como gênero discursivo de interpelação, cuja dimensão empática, juntamente à indagação crítica, fazem com que ele se incline em favor da arte da subjetividade do pensamento e da ideologia, a risco de perder sua universalidade crítica. Num movimento que evoca o de García Canclini, e em diálogo com alguns de seus críticos, tentamos não perder de vista a dimensão empática da indagação crítica e sua vocação social, quando esta envolve questões de discriminação, exclusão e lutas por auto-determinación.

Notas

¹ Tradução do espanhol: Miriam V Gárate

² Incluem-se, além disso, ensaios sobre a presença da literatura latino-americana em outras literaturas, e sobre a pluralidade lingüística dessas literaturas, de acordo com as principais línguas ameríndias faladas no continente.

³ Cabe notar que para os propósitos de nossa argumentação, consideramos a totalidade dos ensaios de *América Latina en su literatura* como um único ensaio, além de considerar cada um deles na sua singularidade. Destacamos, quanto ao coordenador, Fernández Moreno, uma vontade ensaística –dada pela reunião de trabalhos que por seu tema e conteúdo tratam da heterogeneidade cultural da América Latina–, mas também a vontade de postular essa unidade maior que constitui a América Latina, o que nos permite fazer a comparação com o ensaio de García Canclini.

⁴ Em outubro de 2001, a Fundación guatemalteca Luis Cardoza y Aragón outorga o prêmio Ensaio a Néstor García Canclini por *Latinoamericanos buscando lugar en este siglo*, que é publicado em 2002. Luis Cardoza y Aragón (1901-92) foi um poeta, ensaísta, crítico de arte e contista que nasceu na Guatemala, mas, durante a juventude viajou e viveu na França, onde publicou sua primeira obra (*Luna Park*, 1932). Em 1944, regressou à Guatemala e trabalhou para o governo revolucionário que havia derrocado a Jorge Ubico. Em 1945, fundou e dirigiu *Revista Guatemala*, o *Movimiento guatemalteco por la paz* e a *Casa de la cultura*. Durante o governo de Juan José Arévalo, foi embaixador em Noruega, Suécia e França. Mais tarde, e devido à história política de seu país, se exilou no México, onde permaneceu até morrer em 1992. Como afirma Jorge Castañeda, até sua morte foi talvez o crítico de arte mais destacado de América Latina; foi mentor e fonte de consolo para duas gerações de guatemaltecos da oposição. (Castañeda 91).

⁵ Alfonso Reyes, humanista mexicano, poeta, diplomático, tradutor e ensaísta cuja curiosidade intelectual o tornou um dos escritores latino-americanos mais prolíficos do século vinte. Em *América Latina en su literatura*, a obra de Alfonso Reyes é mencionada em quase todos os ensaios; por exemplo, Guillermo Sucre em “La

nueva crítica”, menciona a importância do papel de Alfonso Reyes no desenvolvimento da crítica literária. Para Reyes, a crítica era inerente à natureza humana e um ato de criação que implicava uma poética voltada para a revelação de um olhar crítico (Fernández Moreno 259). Arnaldo Orfila, editor argentino que se radicou em México e se transformou em uma figura chave do desenvolvimento da indústria editorial de esquerda. Foi o primeiro diretor de Fondo de Cultura Económica entre 1948 e 1958, e mais tarde de Siglo XXI Editores, produzindo uma decisiva transformação cultural na perspectiva dessas companhias. Promoveu as tendências mais representativas da Revolução Cubana, dos escritores do *boom*, da teoria da dependência e da teologia da libertação. Carlos Monsiváis afirma que Orfila apoiou os movimentos revolucionários, disseminou perspectivas ortodoxas e heterodoxas que teriam uma longa influência nas gerações de intelectuais em América Latina. Em meio século de trabalho editorial, Orfila foi ator e testemunha de primeiro nível na vida cultural da região, determinada pela cultura do livro e também pela escassez da cultura. Orfila acreditou na inteligência do leitor. Morreu em México aos 101 anos.

⁶ Outras perguntas são: “¿Como puede situarse la integración económica y cultural de las sociedades latinoamericanas en esta recomposición de los mercados globales? ¿Qué se puede entender hoy por latinidad?” (68) y “¿Podemos seguir hablando de América Latina o entramos en una época posnacional?” (30).

⁷ Em *La globalización imaginada* considera a globalização uma noção chave e a desenvolve a partir de um marco transdisciplinar baseado em noções e conceitos de vários campos do conhecimento, as ciências sociais, as humanidades e a economia política. Canclini considera, por exemplo, que o conceito de metáfora possui tanto ou mais poder explicativo que outras categorias das ciências sociais. Ele abandona a idéia de hibridez e adota a noção de reciclagem cultural, a fim de descrever o estatuto da obra de arte contemporânea. Estuda, nesse marco, as instalações do grupo *In-Site* na fronteira de San Diego e Tijuana. Assinalamos que a incorporação de noções como metáfora e reciclagem cultural adocem de certa precariedade conceitual, especialmente quando as comparamos com a de hibridez, que o autor desenvolveu mais extensamente. A metáfora e a reciclagem cultural são instrumentos descritivos usados de forma intercambiável. A pergunta que permanece é até que ponto seu enfoque geral da sociologia da cultura se impregnou consciente ou inconscientemente da ideologia da reprodução da lógica cultural, ainda que sua perspectiva tente desconstruí-la. (Rita De Grandis, 2004).

⁸ García Canclini não menciona nem analisa uma obra em particular de Mariátegui ou de Arguedas, os evoca em função de seu argumento geral, do propósito de comparar e pensar a questão nacional dentro do paradigma da globalização.

⁹ Eduardo Devés Valdés, ao examinar o movimento dos Estudos Culturais em relação ao que chama de “pensamento latino-americano,” argui que a identidade e a modernidade são os dois tópicos mais importantes, e que García Canclini inclui ambos. Também são centrais para a prática ensaística de Nelly Richard. Devés Valdés conclui que o mapa conceitual do pensamento latino-americano tem oscilado entre uma crítica à modernidade/modernização e uma valorização das identidades. Embora estes dois aspectos da tradição do pensamento latino-americano não sejam exclusivos dos Estudos culturais, o paradigma teve um papel central em seu desenvolvimento. (Devés Valdés 15-21).

¹⁰ Em *Who Are We? The Challenges to America's National Identity*, Samuel P. Huntington afirma que entre os anos 2000 e 2002, a população hispânica nos Estados Unidos aumentou 10%, tornando-se maior que a afro-americana.

¹¹ Além das influências externas, o continente continuou experimentando internamente novas configurações étnicas. Por exemplo, em Equador sob a presidência de Lucio Edwin Gutiérrez Borbúa e em Venezuela, sob o regime de Hugo Chávez. Estes políticos, por sua procedência étnica (mestiços de procedência indígena ou de ancestrais africanos), rompem com a tradição política principalmente branca-européia. Gutiérrez Borbúa (1957) é militar e político; era coronel quando assumiu a presidência de Equador em 2003, depois de uma revolta que ele liderou e teve como resultado a renúncia do presidente Jamil Mahuad (1949), que governou entre 1998 e 2000. Borbúa contou com grande apoio das comunidades indígenas e ganhou as eleições democraticamente. Hugo Chávez também é militar e participou de um movimento militar em 1994, que teve como resultado a queda do presidente Pérez. Chávez foi eleito em 1998, re-eleito (ou como dizem em Venezuela, “re-legitimado”) em 2000; seu mandato vai até 2006. Mesmo na Argentina, sob a administração de Carlos Saúl Menem (de origem libanês) é possível constatar esta virada pos-moderna em direção a etnicidades heterogêneas; virada que pode ser ainda mais matizada ou desenvolvida em termos de classe e

região. Por exemplo, Luiz Inácio Lula da Silva, líder do Partido dos Trabalhadores, chegou à presidência no Brasil em 2002, e Néstor Kirchner, um governador de um estado remoto do sul do país (Santa Cruz) também alcançou a presidência de Argentina em 2003.

¹² Rigoberta Menchú, é um símbolo da luta indígena e seu testemunho inspirou muitos debates nas décadas de 1980 e 1990 devido à veracidade de seu testemunho. Cfr., David Stoll, *Rigoberta Menchú and the Story of All Poor Guatemalans*. (Boulder, CO: Westview P, 1999).

¹³ Alan O'Connor também considera que os primeiros trabalhos de García Canclini eram muito mais progressistas que seus trabalhos posteriores. Afirma que *La producción simbólica* (1979), que publicou a editorial de esquerda Siglo Veintiuno, e muito do que depois reformularia *Culturas híbridas* (1990), “decididamente” faziam um uso radical da teoria (com base em pensadores como Althusser, Bourdieu, Marx, Lukacs, Freud e Lenin) e isso se deu na década de 1970 (O'Connor 104).

¹⁴ Editores espanhóis produzem e distribuem mais que os mexicanos ou argentinos. O poder econômico e a distribuição da indústria do livro espanhola fizeram possível que escritores não somente pertencentes ao celebrado *boom* (Cortázar, Fuentes, García Márquez, Vargas Llosa) possuam um público transnacional, como também escritores menos conhecidos. Estas companhias, por outro lado, limitam a publicação e circulação de escritores latino-americanos em seus próprios países: uma alta porcentagem (70%) do que se publica em Espanha chega a América Latina; em contrapartida, somente um 3% do que se publica em América Latina chega a Espanha. Além disso, América Latina parece prover ficção mas não teoria. Por exemplo, a publicação de pensamento social ou cultural parece ser apenas de consumo doméstico e carecer de interesse mais amplo. Como conseqüência, existe uma evidente assimetria nesse espaço ibero-americano comum de produção e circulação (García Canclini 49-50).

¹⁵ É interessante destacar que Alan O'Connor também nota, particularmente em *Consumidores y ciudadanos* (1995,) uma virada conservadora no enfoque de García Canclini.

¹⁶ Como é sabido, García Canclini e Jesús Martín Barbero são os críticos de maior influência nas últimas décadas do século XX, e os que adotam a prédica de Angel Rama acerca da necessidade de o escritor e o crítico transcender uma visão elitista da cultura. Seu projeto intelectual reavaliou a crítica negativa da Escola de Frankfurt/teoria de Adorno e Horkheimer sobre a cultura de massas e a indústria cultural, tal como foi articulada pela teoria da dependência nos anos 60 e 70. Edmundo Paz-Soldán e Debra Castillo sustentam que Rama, em uma entrevista de inícios dos anos 80, além de reiterar suas formulações prévias sugere a necessidade de ir além da cidade letrada, porque tanto o escritor como o crítico pertencem à rua e não aos claustros universitários. Seu mundo real é o mundo da sociedade e da comunicação. (Paz-Soldán and Castillo 7)

¹⁷ A cerâmica dos diabos de Ocumicho na região de Michoacán se tornou muito conhecida em todo México na década de 1980. A partir dos elementos humorísticos dos desenhos, García Canclini sustenta que estas práticas paródicas ao mesmo tempo que eram indicativas da reacomodação e reconversão das comunidades camponesas que os produziam, permitiam a seus produtores propor resoluções imaginárias, através dessas táticas paródicas. Apesar de relativamente recentes (1960), esses objetos forneceram uma saída econômica e uma explicação dos mitos antigos. Em 1960, a falta de chuvas fez com que os camponeses de eixos próximos tomassem as terras férteis, e como conseqüência os habitantes de Ocumicho tiveram que incrementar sua produção artesanal e vendas para compensar o que haviam perdido em suas terras. Somando-se a esta explicação há dois mitos; um se refere ao diabo, que foi uma figura importante antes da chegada de Cortés e durante o período colonial. O segundo mito se refere a Marcelino, um menino órfão e homossexual cuja avo o treinou como ceramista e começou a fazer umas “belas figuras”. No início fazia anjos mas depois do encontro com um diabo numa vereda, começou a fazer diabos. Ao ver que as vendas aumentavam e que era convidado a férias de artesanato na cidade de Mexico e em Nova York, seus vizinhos aprenderam e aperfeiçoaram suas técnicas, reproduzindo e alterando as imagens mesmo depois da morte de Marcelino, imprimindo aos diabos diversas ênfases (*Culturas híbridas* 207-8).

¹⁸ No Congresso da LASA de 2001, John Beverley anunciou publicamente a dissolução do Grupo de estudos subalternos, que tinha se formado no Congresso da LASA de 1994 em Atlanta. Beverly nota que paradoxalmente, desde que o Grupo de estudos subalternos se dissolveu, o subalterno parece surgir por todos os lados no discurso acadêmico. Discurso que confronta o intelectual à tarefa de explicar por que o projeto continua e por que o intelectual faz isto (Beverley 335-36).

¹⁹ Jean Franco nota que *Cómo leer el Pato Donal*, de Armand Mattelart e Ariel Dorfman (1971) foi um estudo muito influente porque mostrava as mensagens subliminais implícitas nos desenhos de Disney e sua insidiosa influência. Para os críticos latino-americanos, nas décadas de 1960/1970, a livre circulação da informação que predicavam os americanos era percebida como suspeita porque a superioridade dos meios americanos demonstrava que essa livre circulação da informação era de mão única, isto é, do Norte para o Sul. No entanto, esta posição perdeu paulatinamente força em favor da percepção dos meios e de novas formas de alfabetização cultural mais matizadas e menos esquemáticas. E, em América Latina, García Canclini e Jesús Martín Barbero serão os porta-vozes desta nova perspectiva (Franco 188).

²⁰ Jon Beasley-Murray considera que o populismo dos estudos culturais da globalização significou uma democratização da cultura, por dar atenção às histórias orais, aos testemunhos das pessoas comuns e às mulheres, conceituados em termos de povo. Mas esse esforço de resgate substitui, porém, uma análise do poder pelo conceito de cultura e, ao fazê-lo tendeu a desmerecer a importância da ideologia. (29)

²¹ Para os que se identificam com o Grupo de estudos subalternos, como John Beverly, seu iniciador, esta democratização da cultura implica um deslocamento da esfera da cultura de elite, que foi compreendido como um deslocamento do centro de interesse do cânone das literaturas nacionais a um objeto de estudo mais amplo e heterogêneo, identificado com o nome de sujeito subalterno. (336)

²² Abril Trigo, ao fazer a resenha de *The Exhaustion of Difference: The Politics of Latin American Cultural Studies*, de Alberto Moreiras, assinala as limitações deste tipo de crítica pós-estruturalista e derridiana porque clausura toda possibilidade de crítica a seu próprio modelo. Para Trigo, a ênfase que Moreiras concede à prioridade do pensamento cognitivo, a sua retórica, à argumentação e à lógica discursiva, requer uma análise crítica porque produz um contínuo regresso sobre o mesmo, carecendo de exterioridade. (Trigo 1024-28) Na mesma linha, Román de la Campa frisa que a posição radical da teoria se manifesta através de um aparato que descansa, fundamentalmente, em um poderoso dispositivo verbal. (Campa 359)

²³ É o caso de “La literatura y los nuevos lenguajes”, de Juan José Saer, para o qual a cultura de massas, embora seja um estímulo para a fantasia, é inimiga mortal da literatura. Para Saer, se se leva em conta o poder dos meios, seu alcance e seus usos por parte dos grupos de poder, torna-se evidente até que ponto a literatura que veicula a cultura de massas pode desaparecer e não ser mais que uma máscara da ideologia. Em América Latina, a literatura do século vinte foi escrita em um processo paralelo ao da criação da cultura de massas à qual muitos escritores estavam vinculados por origem e formação. Embora mantenham uma relação ambivalente com a cultura de massas, os escritores podem às vezes adotar, sem uma base ideológica, uma total rejeição a essa cultura. A ambivalência geralmente decorre do fato de que muitos intelectuais trabalham nesses meios para viver, mas fazem referências à cultura de massas somente para exprimir seu desagrado, porque a cultura de massas representa para eles uma sociedade congelada na falsa universalidade. (Fernández Moreno 301-16)

²⁴ Abril Trigo (“Shifting Paradigms”) estuda o paradigma da hibridiz em relação à teoria da transculturação de Angel Rama e Román de la Campa (“On Border Artists”), o compara com *Contrapunteo cubano del tabaco y del azúcar* de Fernando Ortiz. Eu examino a noção de reciclagem cultural de García Canclini em relação ao paradigma da transculturação cultural em ambos, Ortiz e Rama (De Grandis, 2004).

Bibliografía

Adorno, Theodor W. *The Culture Industry*. London, Eng: Routledge, 1991.

Beasley-Murray, Jon. “Towards an Unpopular Cultural Studies: The Perspective of the Multitude.” In Shelley Godland and Anne M. White (eds.). *Studies in Spanish and Latin American Popular Culture*. Oxford et al: Peter Lang, 2000: 27-45.

Beverly, John. “La persistencia de lo subalterno.” *Revista Iberoamericana*. N° 203, Abril-junio 2003: 335-342.

Campa, Ramón de la. “On Border Artists and Transculturation: The Politics of Postmodern Performances and Latin America.” *Unforeseeable Americas: Questioning Hybridity in the Americas*. Eds. Rita De Grandis and Zilá Bernd. Atlanta: Rodopi, 2000. 56-84.

_____. “Embajadas de la fuga y pensadores académicos.” *Revista Iberoamericana*. N° 203 (April-June 2003): 355-60.

- Castañeda, Jorge G. *Utopia Unarmed: The Latin American Left After the Cold War*. New York: Vintage Books, 1993.
- De Grandis, Rita. "A propos de "Gourmets multiculturels: Jouir du patrimoine des autres" de Néstor García Canclini," in the *Proceedings of the International Conference "Aesthetics and Cultural Recycling,"* 26-28 April 2001, Université de Montréal. Walter Moser, Editor, 2004: 53-62.
- _____. The Néstor García Canclini Exchange: *Canadian Journal of Latin American and Caribbean Studies*, vol. 23. N° 46, 1998: 109-116.
- Devés Valdés, Eduardo. "Estudios culturales y pensamiento latinoamericano." *Cuadernos hispanoamericanos*. 627 (2002): 15-21.
- Dorfman, Ariel & Armand Mattelart. *How to Read Donald Duck*. New York: International General, 1975.
- Fernández Moreno, César. (Coordinador) *América Latina en su literatura*. México: Siglo XXI editores, 1972.
- Follari, Roberto A. *Teorías débiles (Para una crítica de la deconstrucción y de los estudios culturales)*. Rosario: Homo Sapiens, 2002.
- Franco, Jean. *The Decline and Fall of the Lettered City*. Cambridge, MA: Harvard UP, 2002.
- García Canclini, Néstor. *Consumidores y ciudadanos: Conflictos multiculturales de la globalización*. Mexico: Grijalbo, 1995.
- _____. *Culturas híbridas*. México: Grijalbo 1989.
- _____. "La épica de la globalización y el melodrama de la interculturalidad." *Nuevas Perspectivas desde/ sobre América Latina: El desafío de estudios culturales*. Ed. Mabel Moraña. Santiago, Chile: Cuarto Propio, 2000. 31-42.
- _____. *La globalización imaginada*. Buenos Aires, Barcelona, México: Paidós, 1999.
- _____. *Latinoamericanos buscando lugar en este siglo*. Buenos Aires, Barcelona, México: Paidós, 2002.

Hybrid Cultures

- García Canclini, Néstor. *Transforming Modernity. Popular Culture in Mexico*. Austin: University of Texas Press, 1993.
- Huntington, Samuel P. *Who Are We?* New York: Simon & Schuster, 2004.
- Monsiváis, Carlos. "Arnaldo Orfila ante la gratitud de los lectores? II y última." *La Jornada*. 17 January 1998. 23 August 2004. <<http://www.jornada.unam.mx/1998/ene98/980117/monsi.html>>.
- O'Connor, Alan. "Consumers and Citizens: On Néstor García Canclini." *Pretexts: Literary and Cultural Studies*. 12.1 (2003): 103-20.
- Paz-Soldán, Edmundo, and Debra Castillo, eds. *Latin American Literature and Mass Media*. New York: Garland, 2001.
- Rama, Angel. *La ciudad letrada*. Hanover, NH: del Norte, 1984.
- _____. *Transculturación narrativa en América Latina*. Mexico: Siglo XXI, 1982.
- Richard, Nelly. "El conflicto entre disciplinas". *Revista Iberoamericana* 203 (April-June 2003): 441-448.
- Stoll, David. *Rigoberta Menchú and the Story of All Poor Guatemalans*. Boulder, CO: Westview P, 1999.
- Trigo, Abril. "Shifting Paradigms: From Transculturation to Hybridity: A Theoretical Critique." *Unforeseeable Americas: Questioning Hybridity in the Americas*. Eds. Rita De Grandis and Zilá Bernd. Atlanta: Rodopi, 2000. 85-111.
- Yúdice, George. *The Expediency of Culture*. Durham and London, Duke University Press, 2003.

Colaboradores do número:

Viviana Gelado – UFSCAR (SP)/UFF(RJ)

Rubén Gallo - University of Toronto (Canadá)

Miriam Viviana Gárate - UNICAMP

Alejandra Mahile - Universidad Nacional de La Plata (Argentina)

Adriana B. Bocchino - Universidad Nacional de Mar del Plata- (Argentina)

Ellen Spiellm - Universitaet Jena (Alemanha)

María del Pilar Vila – Universidad del Comahue (Argentina)

Rita de Grandis - University of British Columbia (Canadá)